



## Apresentação

Quando aceitamos o convite para organizar o número 52 da revista *Matraga*, uma miscelânea, não fazíamos ideia de que receberíamos tantos, tão diversos e tão bons artigos para um único volume. Entre estudos literários e linguísticos, foram 214 no total. Uma quantidade tamanha de textos indica, ao mesmo tempo, a profusão de pesquisadores nas áreas de literatura e de língua portuguesa, a existência de um âmbito de pesquisa superior àquilo de que as revistas acadêmicas conseguem dar conta, e também a necessidade de um trabalho hercúleo e rigoroso na seleção do pequeno número de artigos que poderíamos acolher.

Podemos dizer que nosso trabalho buscou ser justo e estar à altura dos textos enviados. Como o número não se constitui de uma temática, um dos critérios que nos guiou foi uma espécie de representatividade de todas as temáticas, ou pelo menos das mais evidentes: na área de literatura, por exemplo, recebemos um grande número de textos de investigação feminista, de modo que acolhemos um dentre estes; do mesmo modo com o tema da pandemia; com o estudo de poesia contemporânea; com o de prosa contemporânea. Outro dos critérios que nos guiou foi a escolha de textos que apresentam uma profundidade teórica consistente.

Passemos, então, primeiramente, à apresentação dos textos da área dos estudos linguísticos do português brasileiro. Iniciamos com o artigo intitulado “Um estudo sobre as anáforas em hipertextos”, de Wellington Gomes de Souza e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra, que analisam diversas notícias em que se percebe o trânsito de referentes de uma superfície textual para outra, concluindo ser possível caracterizar-se uma anáfora hipertextual, uma vez que, a partir da análise realizada, os autores constatarem a existência de uma rede anafórica entre os textos. Os autores concluem que estudos como este podem ampliar o campo de visão dos processos referenciais anafóricos, com base na dinamicidade das anáforas para a construção textual de sentidos.

No artigo intitulado “Análise contrastiva da estrutura do sintagma nominal possessivizado no português brasileiro”, Manoel Siqueira compara os resultados de três conjuntos de dados sobre a estrutura de sintagmas nominais possessivizados no português brasileiro falado, com especial atenção para os possessivos antepostos a nomes, como “em sua casa”, e possessivos



pospostos a nomes, como “em uma casa sua”, de modo a observar se é possível apresentar uma generalização para o comportamento dessa estrutura na língua. Os testes de associação apontam que, em ambos os tipos de estruturas com possessivos, há mais diferenças entre as três amostras e seus resultados do que semelhanças, o que não permitiria, a princípio, desenvolver uma generalização do comportamento desses SNs para o português brasileiro.

Em “Tabus Linguísticos no léxico religioso: um estudo geolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil”, Geisa Borges Costa busca descrever e analisar as denominações utilizadas pelos falantes das capitais do Brasil para nomear o item lexical “diabo”. Para isso, utilizaram-se inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional. Foram registrados nada menos que 506 dados lexicais, concretizados através de 39 variantes, registrados através de processos metafóricos, eufemísticos e disfemísticos.

A sintaxe do PB é contemplada no artigo “A articulação de estruturas sintáticas como fio condutor para a construção do(s) sentido(s) do texto”, de Keyla Silva Rabêlo. A autora demonstra como esta área de estudos pode estar a serviço da estruturação do significado textual, articulando teorias textuais e gramaticais. Os resultados ressaltam a importância de um trabalho que conduza o estudante à tomada de consciência dos recursos disponíveis na língua a fim de que possa usá-los como ferramenta para o desenvolvimento de sua capacidade crítico-reflexiva em relação às questões de leitura, produção e compreensão de texto.

Os estudos discursivos são contemplados no texto de Monica Souza Melo, “A organização argumentativa no aconselhamento do pastor Silas Malafaia sobre o candidato à presidência Fernando Haddad”, uma abordagem atual, apoiada na teoria da argumentação e baseada em fatos recentes do universo político-partidário e religioso brasileiro. A partir de um vídeo publicado pelo pastor Silas Malafaia, a autora invoca a Análise Semiolinguística de Patrick Charaudeau para demonstrar como determinado discurso neopenteconstal concilia componentes dos domínios religioso e político, “recorrendo a categorias linguísticas e discursivas, ordenadas em função da finalidade de incitação, e submetidas à organização argumentativa do discurso”.

Encerra os estudos linguísticos o artigo de Valter Pereira Romano e Leandro Almeida dos Santos intitulado “Os falares sulista e fluminense de Antenor Nascentes e sua realidade nos dados do projeto ALiB”, que retoma o trabalho de um dos maiores dialetólogos do país, o filólogo Antenor Nascentes, cuja proposta de divisão dialetal do Brasil é ainda levada em conta em diversos estudos do PB, à luz de dados lexicais coletados para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Enveredando pela área dos Estudos de Literatura, comecemos pelo atual, pelo urgente, pela emergência: Lucas Bandeira de Melo faz um ensaio sobre a leitura na quarentena. Um ensaio de olhar e ler: para fora e para dentro. Ele se propõe refletir sobre as escolhas e análises de livros e outras produções culturais que tentam tratar do tema da Covid-19 a partir de um olhar subjetivo: diários de escritores, blogs, vídeos, gifs, fotografias, quadrinhos produzidos na quarentena e sobre a quarentena, mas também em perspectivas com outras obras do passado como *A peste*, de Camus, aliás mote inicial do ensaio. Com rara sensibilidade, Lucas investe na reflexão sobre as próprias escolhas e os modos como essas leituras o afetam. Em certo

momento de seu ensaio, ele acessa um conhecimento íntimo e pessoal que, nos parece, pode reverberar, como uma pedra num lago, na nossa experiência de leitores na pandemia: “se leio diários e depoimentos para acessar o “lá” que me permite sentir que estou dentro dos acontecimentos, também leio aquilo que me permite encontrar um “aqui” semelhante ao meu, o do tempo da leitura, o ‘tempo suspenso’”. Seu texto ainda deixa anotada uma constatação bastante incômoda, especialmente para os escritores: “A literatura contemporânea lançada até fevereiro de repente parece não exatamente velha, mas não contemporânea”. Como construir uma ponte entre o mundo ou a vida literária de antes da pandemia e a de agora? Como será a de depois? são questões que seu ensaio evoca.

O artigo de Luciene Azevedo, “A ficção e o documento: uma leitura de *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo e de *Garotas Mortas* de Selva Almada”, investiga a proliferação do que poderíamos chamar de romances híbridos, romances que investem numa aproximação entre o ficcional e o não ficcional. Ao analisar a produção literária contemporânea que se constitui nessa ligação direta com o documental, a autora chega à conclusão de que “as obras que se apropriam de documentos não os consideram mais como índice de autenticidade ou objetividade e nem sequer os tomam como materiais alheios ou estranhos às histórias que constroem, pois partem da interrogação de sua própria condição vacilante como prova de verdade”, diferentemente do modo como essa apropriação se dava nas décadas de 1960 e 70, conforme os clássicos estudos de Ana Cristina César, Flora Sussekind e Luiz Costa Lima. No entanto, ao pôr à prova essa premissa, é possível perceber também a persistência “das marcas da compreensão do documento como fonte fidedigna”, especialmente no romance de Patrícia Melo. Estaríamos, nos pergunta Luciene, numa “quarta onda” do naturalismo que sempre marcou a literatura brasileira? Ou temos algo realmente novo na interface ficção-literatura?

O artigo de Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, “Limiaries do literário: uma aproximação entre Llansol e Lispector”, se propõe a “abordar a fragilidade do conceito de ‘limite’ em benefício de uma noção alargada de ‘limiar’” que permita pensar os textos das duas autoras no lugar que podem ocupar entre ficção e escrita de si, entre diário íntimo e narração, entre o testemunho e o real. Como bem sustenta a autora, “passado o vendaval da teorização moderna e pós-moderna, é possível retomar a diluição (ou “disseminação”, na linguagem derridiana) para além do pânico diante do enigma, do paradoxo e do hibridismo que encontramos em obras literárias”. A partir, então, da premissa de que as formas jamais são puras em suas realizações, a autora faz uma leitura contra a classificação de *Uma data em cada mão; Livro de Horas I* de Llansol como diário íntimo clássico e de *Um sopro de vida*, de Clarice, como uma ficção.

Em “Filho da mãe: uma leitura feminista de ‘Meu tio o Iauaretê’”, Carolina Correia dos Santos faz uma análise do conto de Guimarães Rosa “pela linhagem da mãe”, enfatizando, a partir de toda uma leitura da teoria feminista que “o bugre abandona o destino de homem (branco), assumindo seu amor pela onça Maria-Maria e o amor dela por ele, compreendendo assim quem era realmente, ou onde habitava seu desejo”. É justamente enquanto narra sua história, no ato mesmo de narrar, que o personagem “opera uma transformação de si” tornando-se “filho de Mar’Iara Maria”. A autora nos instiga a ler no conto um final em aberto, não logocêntrico, que apontaria não para a onça que morre “gemendo e falando nheengatu” diante do poder de fogo da visita,



do homem branco, mas numa aposta na “não determinação do seu sentido, impelindo o leitor a escolher entre o plausível e o possível” indicado mesmo naqueles “Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêê... êê... ê... ê...”, que poderiam bem ser signos tanto de hesitação quanto de satisfação. O artigo investe ainda na pergunta sobre uma possível violação da mãe do personagem, numa leitura que costura literatura e antropologia, literatura e história, o dentro e o fora do texto.

Marcus Freitas apresenta o livro de Maria Amelia Dalvi, *Poema algum basta*, se perguntando sobre os temas e problemas com os quais lida a poesia contemporânea em sua dupla tradição marginal e concreta para chegar à proposição de que esta poeta “busca o seu caminho a partir de um salto para trás, que sobrevoa o complexo concreto-marginal da tradição recente em busca de precursores entre os modernistas construtivo-engajados”. Numa análise cerrada dos poemas que ilumina tanto sua poética como sua política, a partir do legado das teorias formalistas, o autor nos leva ao hexagrama 4 do *I Ching*, Imaturidade, e ao tema da educação, ligando poema e biografema, formalismo e engajamento. O diferencial desse artigo está numa conjunção exemplar entre essas duas instâncias que parecem se opor na maior parte do tempo na crítica contemporânea, mostrando que os modos de ler o poema hoje podem muito bem juntar de novo a análise formal e a instância representativa na qual muitas vezes se firmam seus autores, quando estes não se entregam a um sociologismo simplista.

Em “Velhice, sexualidade e afeto em *Diário da guerra do porco*, de Adolfo Bioy Casares”, Letícia Malloy faz uma interessante leitura do tema da abjeção às marcas da velhice ostentada pelo protagonista do romance de Bioy Casares, *don* Isidro. Apoiado em leituras de Foucault, Simone de Beauvoir e também de Freud e Spinoza, o artigo permite ao leitor acompanhar sua argumentação, que entrelaça a caracterização do protagonista do romance com estudos teóricos sobre a velhice, a sexualidade, as relações de poder e a origem e a natureza dos afetos, mostrando-se como uma contribuição efetiva para pensar um tema tão sensível e de difícil abordagem. Dá, além disso, uma oportunidade excelente de aproximação do leitor brasileiro à obra do autor argentino, que está recebendo por aqui uma recepção bastante tardia.

O artigo de Ana Lucia Machado de Oliveira, “A moralização da morte no *Theatrum Sacrum* de Antônio Vieira”, trata do lugar da morte e do florescimento do macabro no imaginário social entre os séculos XVI e XVII, com foco na obra sermonística de Antônio Vieira, mais especificamente em sua construção de um *memento mori* a partir da retomada do lugar-comum bíblico de que o homem é pó e ao pó voltará. A autora mostra como a insistência no macabro e a espetacularização da morte se inseriam na “lógica de um vasto empreendimento de culpabilização orientado para a salvação no além”, e que a “difusão do medo do Deus juiz, com todas as suas consequências, no nível das massas católicas, recorreu, por vezes, a uma tática aterrorizadora que reforçou ainda mais o poder clerical”.

Além destes 13 importantes textos, este número traz também uma instigante entrevista com Paula Abramo, poeta e incansável tradutora da literatura brasileira para o espanhol que, além de dar a conhecer autores contemporâneos como Ana Martins Marques e Verônica Stigger aos leitores tanto do México como da Espanha, hoje se dedica a um projeto, contemplado com uma bolsa do *Sistema Nacional de Creadores de Arte*, para tradução de todos os contos de Machado de Assis. Uma empresa e tanto!



A seção *Outras contribuições* é dedicada a um artigo e a uma entrevista que apresentam um escandaloso caso de plágio no mundo acadêmico, por parte de uma revista internacional, do artigo “Da intransitividade do ensino de literatura”, de autoria de Fabio Akcelrud Durão, publicado na Matraga n. 40, de 2017, organizado por Nabil Araújo. Assim, tão logo tomamos conhecimento do fato, convidamos autor e editor para uma reflexão sobre o que chamamos de “O caso do plágio” e, agora, convidamos vocês, leitores, para desvendar esse intrincado caso de relações, nem sempre saudáveis, que envolve o mundo das revistas acadêmicas.

E para encerrar, apresentamos ainda uma resenha do importante livro de Silvina Rodrigues Lopes, *A anomalia poética*, publicado pela editora belo-horizontina Chão da Feira e assinada por Natália Natalino.

Agradecemos imensamente aos pareceristas e colaboradores desta edição e desejamos a todos uma boa leitura!

*André Conforte e Ieda Magri*

